

1

OUTRORA, NOS MEUS TEMPOS DE JUVENTUDE, não me sentia tão desorientado e conseguia falar sobre todos os assuntos com uma inteligência nervosa e com lucidez e sem preâmbulos literários tão verbosos como este; por outras palavras, esta é a história de um homem que não tem confiança em si próprio, mas é ao mesmo tempo a história de um egocêntrico, naturalmente, não a posso contar num tom sarcástico — vou simplesmente começar pelo princípio e deixarei que a verdade venha à tona aos poucos, eis o que farei — . Tudo começou numa noite quente de Verão — ah, ela estava sentada num guarda-lama com Julien Alexander, que é... deixem-me começar pela história dos subterrâneos de São Francisco...

Julien Alexander é o anjo dos subterrâneos e os subterrâneos foi um termo inventado por Adam Moorad, um poeta meu amigo, que disse «Eles são desempoeirados sem serem ostensivos, são inteligentes sem serem quadrados, são do mais intelectual que pode haver e sabem tudo e mais alguma coisa sobre Pound mas não são pretensiosos nem falam demasiado no assunto, são muito discretos, parecem-se muito com Cristo.» Julien parece-se com Cristo, sem dúvida. Eu vinha a descer a rua com Larry O'Hara, meu velho companheiro de copos de todas as vezes que apertei em São Francisco

nas curvas longas e nervosas e loucas da minha vida em que me embebedei e, para ser sincero, cravei bebidas aos amigos com uma regularidade tão «benigna» que ninguém se dava sequer ao trabalho de reparar ou de anunciar que estou a desenvolver ou estava a desenvolver, na minha juventude, estes maus hábitos de parasitismo, embora é claro que as outras pessoas reparavam mas gostavam de mim e como Sam dizia «Toda a malta vem ter contigo por causa da tua pinga, rapaz, vão todos a tua casa atestar o depósito» ou coisa parecida — o velho Larry O'Hara, sempre porreiro para mim, um irlandês de São Francisco que tinha montado o seu negócio, ainda novo e doido varrido, com uma sala dos fundos balzaquiana lá na livraria dele onde fumavam erva e conversavam sobre os velhos tempos da fabulosa banda do Basie ou a época do grande Chu Berry — de quem tornarei a falar mais adiante porque ela também andou com ele, uma vez que tinha de andar com todos os tipos por me ter conhecido a mim, que sou nervoso e multifacetado e nem por sombras feito de uma só peça — nem um só fragmento da minha dor se revelou ainda — nem do meu sofrimento — Anjos, sede indulgentes comigo — nem sequer estou a olhar para a página mas sim em frente, para o tristebrilho da parede do meu quarto e para um programa radiofónico da KROW com a Sarah Vaughan e o Gerry Mulligan em cima da secretária sob a forma de um rádio, por outras palavras, eles estavam os dois sentados no guarda-lama de um carro em frente do bar Black Mask na Montgomery Street, Julien Alexander, o jovem magro de barba por fazer parecido com Cristo, sereno e estranho, quase um anjo apocalíptico ou santo dos subterrâneos, como vocês ou Adam diriam, seguramente uma estrela (agora), e ela, Mardou Fox, cujo rosto da primeira vez que o vi no bar Dante's ali mesmo ao virar da esquina me fez pensar «Meu Deus, tenho de andar com aquela mulherzinha» e talvez também por ela ser negra. Além disso ela tinha uma cara muito parecida com a de uma amiga de in-

fância da minha irmã chamada Rita Savage, que eu imaginava, entre outras coisas, ajoelhada no chão da casa de banho entre as minhas pernas, eu sentado na retrete, ela com os seus lábios frescos e especiais e as maçãs do rosto parecidas com as de uma índia, salientes e altas e suaves — Mardou tinha o mesmo rosto mas escuro e doce, com olhinhos francos, cintilantes e intensos, e estava debruçada a dizer qualquer coisa com toda a convicção a Ross Wallenstein (amigo de Julien), debruçada por cima da mesa, dobrada em dois — «tenho de andar com ela» — tentei lançar-lhe um olhar alegre um olhar de sexo mas ela nem se apercebeu de nada, não levantou o rosto nem olhou — tenho de explicar que pouco antes, em Nova Iorque, eu abandonara o trabalho a bordo de um navio, tinham-me posto na rua antes da viagem até Kobe, no Japão, por causa de problemas com o despenseiro e da minha incapacidade para ser amável e até para me comportar como um simples ser humano e como uma pessoa normal enquanto executava as minhas tarefas como empregado de mesa na messe dos oficiais (e agora têm de reconhecer que estou apenas a relatar os factos, nada mais do que isso), o que era bem típico de mim, tratava o chefe de máquinas e os outros oficiais com modos tão educados que se tornavam deselegantes, eles queriam que eu dissesse qualquer coisa, nem que fosse uma frase grosseira, enquanto lhes servia o café pela manhã, e em vez disso eu apressava-me a satisfazer-lhes os pedidos com passos ligeiros e silenciosos sem nunca fazer um sorriso ou então somente um sorriso amarelo, de superioridade, e tudo por causa daquele anjo da solidão que estava sentado no meu ombro quando descí a Montgomery Street naquela noite quente e vi Mardou no guarda-lama com Julien e me lembrei «Ah, lá está a rapariga com quem eu tenho de namorar, sempre gostava de saber se ela anda com algum destes rapazes» — morena, quase nem se via na rua mal iluminada — com os pés enfiados numas sandálias de couro de uma sexualidade tão sublime

que eu tive vontade de a beijar, de lhos beijar — mas ainda assim sem se aperceber de nada.

Os subterrâneos estavam reunidos diante do Mask na noite quente, Julien no guarda-lama, Ross Wallenstein de pé, Roger Beloit, o magnífico saxo tenor de *bop*, Walt Fitzpatrick, que era filho de um realizador famoso e crescera em Hollywood, numa atmosfera de festas da Greta Garbo até ao nascer do dia e Chaplin a cair de bêbedo diante da porta, várias outras raparigas, Harriet, ex-mulher de Ross Wallenstein, assim a puxar para o loura, com feições suaves e inexpressivas e com um singelo vestido de algodão que quase a fazia parecer uma dona-de-casa-na-cozinha mas que lhe cobria o ventre com doçura e me afagava os olhos — e neste ponto tenho de fazer mais uma confissão, como tantas outras que se irão seguir antes de este livro chegar ao fim — tenho uma sexualidade rude e máscula e não me consigo dominar e tenho tendências lúbricas e assim por diante e o mesmo acontece com quase todos os meus leitores masculinos, sem dúvida — confissão atrás de confissão, sou Canuck, só aprendi a falar inglês com 5 ou 6 anos, aos 16 falava com um sotaque hesitante e na escola era um bebé grande e melancólico, embora mais tarde tenha jogado basquetebol na universidade e se não fosse isso ninguém teria reparado que eu era sequer capaz de enfrentar o mundo (falta de confiança em mim mesmo) e ter-me-iam metido num manicómio por causa de uma inadaptação qualquer —

Mas agora deixem que vos fale da própria Mardou (é difícil fazer uma confissão genuína e explicar o que aconteceu quando somos de tal maneira egocêntricos que a única coisa de que somos capazes é espraiair-nos em enormes parágrafos acerca de pormenores triviais sobre nós próprios enquanto os pormenores importantes sobre a essência dos outros ficam para ali sentados numa espera interminável) — seja como for, portanto, também lá estava Fritz Nicholas, o guia nominal dos subterrâneos, a quem eu disse (tinha-o conhecido na passagem de

ano, num apartamento finação de Nob Hill, sentado de pernas cruzadas como um índio comedor de peote em cima de um tapete grosso com uma espécie de camisa russa, branca e lavada, e uma rapariga tresloucada género Isadora Duncan de longos cabelos azuis pendurada no ombro, a fumar erva e a falar sobre Pound e sobre peote) (magro e também ele parecido com Cristo, com ar de fauno e jovem e grave e dir-se-ia o pai do grupo, como nas alturas em que uma pessoa de repente o via sentado no Black Mask com a cabeça atirada para trás, olhos escuros de pálpebras franzidas a observar toda a malta como que tomado de uma estupefacção súbita e vagarosa e «Cá estamos nós, meninos, e agora, meus queridos?», mas também um grande amante de drogas, sempre pronto a experimentar tudo o que desse pica fosse em que altura fosse e cheio de paixão) e eu perguntei-lhe assim, «Conheces aquela rapariga, a escurinha?» — «A Mardou?» — «É assim que ela se chama? Com quem é que ela anda?» — «Agora não anda com ninguém em especial, este grupo tem sido um bocado incestuoso, à sua maneira», uma coisa muito estranha que ele ali me disse enquanto nos dirigíamos para o carro dele, um *Chevrolet* velhíssimo de 1936 cheio de amolgadelas e sem banco traseiro estacionado em frente ao bar do outro lado da rua, para irmos buscar erva para o grupo se juntar todo, porque eu tinha dito a Larry «Vamos buscar erva, pá.» — «E para que é que queres tu esta malta toda à tua volta?» — «Quero curtí-los como grupo», e disse isto em frente a Nicholas para que ele se pudesse dar conta da minha sensibilidade, pois apesar de o grupo me ser estranho eu imediatamente, etc., me tinha apercebido do valor dos seus membros — factos, factos, a doce filosofia há muito me desamparou juntamente com as seivas de outros anos já volvidos — incestuoso — havia no grupo uma última personagem magnífica que naquele Verão, todavia, não estava ali mas sim em Paris, Jack Steen, um homenzinho interessantíssimo parecido com o Leslie Howard que (tal como Mardou